

A Doutrina Secreta:

A Gênese Original e a Tradição Sabedoria

David Reigle

A Doutrina Secreta é reconhecida por todos como a maior e mais influente obra de H.P. Blavatsky, sendo considerada um dos livros de mais difícil leitura. Tanto que somente uma pequena minoria de teosofistas o leu. O que a torna tão grandiosa e difícil e por que Blavatsky escreveu esse livro?

A Doutrina Secreta foi publicada em 1888, treze anos após a fundação da Sociedade Teosófica em 1875 e três anos antes da morte de Blavatsky em 1891. O mundo nessa época, apesar do progresso material sem precedentes alcançado pela sociedade Ocidental, estava passando por uma crise espiritual. A religião e a ciência estavam em choque, pois a primeira ensinava a fé cega, enquanto a segunda rejeitava tudo que não pudesse ser fisicamente comprovado. E nenhuma poderia fornecer orientações suficientes para fazer com que humanos parassem de matar o próximo. A situação foi resumida pelo Maha-Chohan, considerado o maior dos instrutores tibetanos por trás do movimento teosófico, nas seguintes palavras: “Entre a superstição degradante e o materialismo ainda mais degradante, a pomba branca dificilmente consegue encontrar um espaço onde possa descansar os seus pés cansados e indesejados.” Foi neste contexto que H.P. Blavatsky entrou em cena.

A primeira tarefa de Blavatsky era mostrar que nem a religião, nem a ciência tinham a verdade. Isto ela fez em seu primeiro grande trabalho, *Ísis sem Véu*, publicado em 1877. Nessa obra, ela mostrou como as verdades originais reveladas pelos fundadores das grandes religiões tinham, ao longo dos séculos, sido sufocadas pelo dogma teológico. Os sistemas inertes de crenças que substituíram as verdades originais não poderiam fornecer a sustentação necessária para a humanidade, que então se voltou para a ofuscante e recém-chegada ciência.

Mas a ciência, disse Blavatsky, por mais impressionante que fosse, também não poderia dar à humanidade aquilo de que necessitava, pois se limitava tão somente à realidade física, sem preocupação com a moralidade ou a virtude. Era bastante indiferente às realidades mais elevadas que dão dignidade e propósito à vida humana.

Blavatsky em *Ísis sem Véu* não apenas mostrou que nem a religião, nem a ciência detinham a verdade, como também mostrou onde esta poderia ser encontrada, causando muito entusiasmo. Ela trouxe pela primeira vez para o mundo moderno, a existência de um antigo e outrora universal corpo de verdades que chamou de *Religião Sabedoria*. Ela dizia que a *Religião Sabedoria*, outrora universal, era a fonte de onde surgiram todas as religiões do mundo. Mas, com o tempo, conforme o separatismo e o materialismo se intensificavam, cada uma passou a acreditar que o seu pedaço era a única verdade. Tradições encontradas em todos os cantos do mundo falam disso como o fim da Era de Ouro e o início da Era de Ferro ou Era das Trevas. Blavatsky coletou uma

impressionante quantidade de evidências de escritores antigos por todo o globo, escrevendo os dois longos volumes originais de *Ísis sem Véu*, para mostrar a existência de uma Tradição Sabedoria. As verdades mais elevadas e universalmente reconhecidas pelos antigos tinham desaparecido da religião e estavam além da compreensão da ciência; mas a humanidade teve acesso a elas em tempos remotos. Tal era a mensagem de *Ísis sem Véu*.

Ísis sem Véu preparou o terreno para a restauração de muitas verdades da Tradição Sabedoria, que por muitas estiveram perdidas do mundo. Embora algumas estivessem expostas em *Ísis sem Véu*, o grosso delas ainda estava por vir. Ademais, *Ísis sem Véu* foi uma espécie de experimento e não foi tão bem recebida como se esperava. Isso se deve, como afirmado pelo Mahatma K.H., ao fato de que um livro como este, vindo de uma mulher, que muitos tinham por uma espírita, “jamais poderia esperar por uma ausculta séria.” Coube, portanto, a um respeitável editor de um jornal britânico, A.P. Sinnett, tentar realizar o primeiro relato de ensinamentos da Tradição Sabedoria que fosse levado a sério.

Sinnett era um escritor refinado, enquanto Blavatsky mal sabia inglês quando escrevera *Ísis sem Véu*, tanto que considerava esta a sua obra mais pobre em termos de escrita. Sinnett tinha iniciado uma correspondência com os instrutores de Blavatsky, os Mahatmas K.H. e M., em 1880. O seu primeiro livro, *O Mundo Oculto*, publicado em 1881, mostrou a possibilidade da existência de indivíduos que tinham aperfeiçoado o seu desenvolvimento espiritual. A esses os teosofistas chamaram de Mahatmas. Mas foi o seu segundo livro, *Budismo Esotérico*, publicado em 1883, que apresentou a primeira descrição sistemática dessas verdades da Tradição Sabedoria, agora autorizadas pelos Mahatmas para divulgação. Baseando-se no material de suas cartas, ele construiu uma aproximação coerente com o sistema deles. Esses ensinamentos, conhecidos no mundo moderno como Teosofia, forneciam as respostas satisfatórias para os grandes problemas da vida, deixando até mesmo os críticos impressionados. Uma crítica publicada num jornal da época teve de chamá-lo de “incrível, mesmo nestes dias de pesquisa científica”, chegando ainda a dizer que: “O Budismo Esotérico por si só é capaz de levar o mundo intelectual à comoção. Trata-se do método mais filosófico de explanação da vida, morte e eternidade já conhecidos, gostemos ou não”. Porém, levou apenas uma pequena parte do mundo intelectual à comoção e por um breve período de tempo. Portanto, mesmo este esforço se mostrou como insuficiente. Então, de volta ao quadro geral, ou neste caso, à mesa de escrita, Blavatsky ressuscitou um projeto iniciado em 1879, que se tornaria o seu principal trabalho, *A Doutrina Secreta*.

A Doutrina Secreta é baseada em estâncias que Blavatsky traduziu do secreto “Livro de Dzyan”. Essas estâncias cobrem a gênese do cosmos e a gênese da humanidade. Este é o ponto central do livro. *A Doutrina Secreta* também contém material extenso sobre o simbolismo, dizendo que esta era a linguagem universalmente utilizada pelos antigos e que, portanto, todos os escritos antigos devem ser entendidos sob esta luz e não tomados literalmente. Finalmente, *A Doutrina Secreta* inclui material sobre ciência, continuando a mostrar, como ela fez anteriormente, que há forças ocultas

na natureza, as quais permanecem não reconhecidas pela ciência. Portanto, a Doutrina Secreta não trata, exceto de forma incidental, do sistema geral que ficou conhecido como Teosofia, incluindo karma, reencarnação, os sete princípios do ser humano, os sete planos do cosmos, os estados pós-morte etc, como descrito anteriormente em Budismo Esotérico e abordado posteriormente noutra obra de Blavatsky, A Chave para a Teosofia. Por que isso? Por que as questões relacionadas à gênese e não os ensinamentos teosóficos mais familiares na maior das obras teosóficas?

A Doutrina Secreta é referida por Blavatsky como “esta primeira parcela das doutrinas esotéricas.” Pela primeira vez temos material traduzido diretamente de um livro fonte original da Tradição Sabedoria. Ísis sem Véu tornou conhecida a existência da Tradição Sabedoria, mas em comparação com o seu novo livro, desvelara quase nada. O Budismo Esotérico estava baseado nas informações mais ou menos fragmentadas recebidas nas cartas dos Mahatmas, não fornecendo o sistema esotérico como tal. Aqui, pela primeira vez, temos algo mais concreto, ou uma parcela disto. Sabendo disso, estamos agora numa posição que nos permite entender o motivo pela questão da gênese.

Ao explicar o que é a Doutrina Secreta, Blavatsky diz: “Nem o catálogo vasto das ciências arcaicas poderia ser testado nos volumes presentes antes que dispuséssemos das grandes questões, tais como a Evolução Cósmica e Planetária e o desenvolvimento gradual das Humanidades e raças misteriosas que precederam a nossa Humanidade “Adâmica”. Isto é apenas lógico, tratando primeiro do que vem primeiro; mas acredito que haja mais do que aparenta na superfície. Os instrutores de Blavatsky se depararam com o mesmo problema que o Dalai Lama ao trazer material antes secreto para o Ocidente. Um bom exemplo disto é o Kālacakra Tantra. Os tantras budistas tibetanos, ou Livros de Kiu-te, foram tradicionalmente mantidos secretos. Entretanto, o primeiro capítulo do Kālacakra Tantra trata da cosmologia, incluindo a cosmogênese ou gênese. Devido ao assunto tratado, este é o único capítulo que poderia ser abertamente debatido. Portanto, livros baseados neste capítulo e o seus temas circulavam abertamente no Tibete, enquanto que o material dos quatro capítulos restantes era restrito. Este é, acredito, o verdadeiro motivo pela escolha da gênese como o tema das estâncias traduzidas A Doutrina Secreta. Era a única escolha possível para a primeira parcela das doutrinas esotéricas a serem trazidas de fontes secretas originais.

No entanto, trata-se de uma escolha excelente. A gênese dos ensinamentos da Doutrina Secreta, cobrindo a origem e o desenvolvimento do cosmos e a origem e o desenvolvimento da humanidade, não tem paralelos com outros ensinamentos. Nenhum sistema é mais abrangente e consistente do que o da Doutrina Secreta. Não, nada chega perto. Os maiores relatos de gênese do mundo são fracos quando comparados. Como dito pelo estudioso gnóstico, G.R.S. Mead, em 1904, “As Estâncias apresentam uma cosmogênese e antropogênese que, em sua superfície e detalhe, deixam para trás qualquer registro existente de tais coisas do passado.” Ele ainda diz que “considero essas passagens, contidas em seus trabalhos [de HPB], maravilhosas criações literárias, não do ponto de vista de um entusiasta que nada sabe de filosofia oriental, ou dos

grandes sistemas cosmogônicos do passado, ou da Teosofia das religiões mundiais, mas com o julgamento maduro de alguém que passou cerca de vinte anos estudando tais assuntos.” Reitero tais palavras e posso ainda adicionar à lista de tais assuntos estudados as muitas obras em sânscrito que se tornaram disponíveis nos cerca de cem anos desde que Mead escreveu isso.

Considera-se como o mais antigo relato de gênese do Oriente o breve “Hino da Criação” do *Rig Veda*. Relatos semelhantes são encontrados nos *Upanishads*, baseados nos *Vedas*. Um relato mais detalhado é encontrado em outra fonte autêntica, as *Leis de Manu*. Relatos ainda mais elaborados são encontrados nos diversos *Purana*, que permaneceram como a base das ideias cosmogônicas encontradas na Índia hindu até os tempos modernos. Tudo isso era disponível em tradução tanto durante o tempo de Blavatsky, como durante o tempo de Mead. Mas as importantes fontes budistas cosmológicas ainda não tinham sido publicadas, nem as fontes jainistas.

O influente compêndio jainista, *Tattvārthādhigama Sūtra*, cujo terceiro capítulo trata da cosmologia, foi primeiramente publicado em sânscrito entre 1903 e 1905, em alemão em 1906 e em inglês em 1920. Outros detalhes podem ser encontrados no *Pañcāstikāyasara*, ou “A Construção do Cosmos”, de Kundakunda, publicado em prakrit, sânscrito e inglês em 1920. As fontes budistas se mostraram mais difíceis, visto que a tradição budista original da Índia se perdeu. Ao reconhecer a importância do trabalho fundamental de Vasubandhu, o *Abhidharmakośa*, os estudiosos budistas da Europa acordaram um projeto de tradução a partir das versões em chinês e em tibetano. Essa tarefa foi finalmente concluída pelo grande estudioso belga, Louis de La Vallée Poussin, que publicou uma tradução em francês, em seis volumes de 1923 a 1931. O original em sânscrito não fora descoberto antes das viagens de Rahula Sankrityayana ao Tibete em busca dos manuscritos em sânscrito no final da década de 1930 e foi publicado em 1947, com o autocomentário em sânscrito em 1967. Muito mais recentemente, os textos *Kālacakra* se tornaram disponíveis, fornecendo uma cosmologia alternativa à cosmologia budista tradicional descrita no capítulo três do *Abhidharmakośa*. Editei em sânscrito e traduzi para o inglês alguns materiais para um artigo comparando-o ao “Livro de Dzian”, apresentado no primeiro simpósio da Doutrina Secreta em 1984.

Todo esse material é de fato interessante, mas como os textos hindus anteriores, nenhum desses textos jainistas ou budistas provaram ter algo próximo da abrangência do relato cosmogônico presente em A Doutrina Secreta. Por exemplo, o *Abhidharmakośa* fala de quatro modos de nascimento, seguindo as palavras do Buddha, como os nascidos do suor, nascidos do ovo, nascidos do útero e os sem pais, assim como faz a Doutrina Secreta. (20) Mas os relatos detalhados das primeiras humanidades em que esses modos de nascimento ocorreram, encontrados na Doutrina Secreta, estão ausentes nos ensinamentos atuais do Budismo. Portanto, Vasubandhu em seu autocomentário e Yaśomitra em seu subcomentário, tiveram de fazer um esforço para encontrar explicações para essas ideias estranhas. Visto que o Buddha tinha falado delas, devem ser verdade e necessitavam ser explicadas. Então os comentadores

recorreram a exemplos da mitologia, de histórias de humanos individuais que poderiam ser considerados nascidos do ovo e do suor; por exemplo, Sails e Upasails nasceram dos ovos de um grou e Amrapali nasceu do tronco de uma bananeira. Para os sem pais, entretanto, eles deram o exemplo da humanidade da primeira era, ou kalpa, de acordo com a Doutrina Secreta. Um fragmento da Tradição Sabedoria aparentemente preservado.

Embora a perspectiva geral da gênese tenha sido preservada nos trabalhos existentes e mesmo alguns detalhes como no caso das referências do Buddha aos quatro modos de nascimento, os comentários que outrora existiram e que poderiam prover as verdadeiras explicações, diz Blavatsky, não estão mais disponíveis: “Um número imenso, incalculável de manuscritos e de trabalhos impressos que *sabidamente existiram, atualmente não podem mais ser encontrados*. Eles desapareceram sem deixar o menor vestígio. Se fossem trabalhos sem importância, poderiam, no curso natural do tempo, ter sido largados ao perecimento e os seus muitos nomes teriam sido obliterados da memória humana. Mas não é assim, pois, como afirmado, muitos desses trabalhos continham as verdadeiras chaves para os trabalhos ainda existentes e *completamente incompreensíveis* para a maior parte de seus leitores, *sem os volumes adicionais dos comentários e explicações*”.

Mas esses trabalhos não estão perdidos e as escolas esotéricas aos quais os instrutores de Blavatsky estão associados afirmam conter todos eles. É a partir desses trabalhos que Blavatsky restaurou para a humanidade nada mais do que a versão original, completa e sem cortes da gênese. O propósito de tudo isso era deixar que o mundo soubesse que em algum lugar as verdadeiras respostas para os grandes problemas da vida existem. Como afirmado pelo Maha-Chohan, na carta de 1881, citada anteriormente.

Para serem verdadeiras, religião e filosofia devem oferecer a solução para todos os problemas. Que o mundo se encontre em condição moral tão ruim é a evidência conclusiva de que nenhuma das religiões ou filosofias, das “raças *civilizadas*” menos do que de qualquer outra, detêm a verdade. As explicações corretas e lógicas sobre a questão dos problemas dos grandes princípios duais – direito e esquerdo, bem e mal, liberdade e despotismo, dor e prazer, egoísmo e altruísmo – são tão impossíveis para elas agora quanto eram 1881 anos atrás. Estão tão longe da solução, quanto sempre estiveram, mas –

Para essas questões *deve* haver em algum lugar uma solução consistente e se as nossas doutrinas mostrarem a competência para mostrá-la, o mundo será o primeiro a confessar que *esta deve* ser a verdadeira filosofia, a verdadeira religião, a verdadeira luz, que fornece a *verdade* e nada senão a *verdade*.

Blavatsky na Doutrina Secreta trouxe ao mundo os ensinamentos originais sobre a gênese da Tradição Sabedoria, oferecendo uma solução consistente para os grandes problemas da evolução cósmica e planetária. Agora o mundo pode ver por si próprio a competência dessas doutrinas em fornecer a verdade. Ainda assim, o mundo *não*

confessou que esta deva ser a verdade. Não, em mais de um século, o mundo ainda nem lhe deu ouvidos.

Isso não foi totalmente inesperado. Blavatsky escreveu na introdução à Doutrina Secreta que: “Em conformidade com as regras da pesquisa crítica, o orientalista tem de rejeitar *a priori* qualquer evidência que não possa verificar por si mesmo ... Portanto, a rejeição desses ensinamentos pode ser esperada e deve ser aceita antes de tudo. Ninguém que se considere um “estudioso acadêmico” em qualquer departamento das ciências exatas poderá levar esses ensinamentos a sério.” Isto tem referência às “objeções mais graves à precisão e confiabilidade de toda a obra,” em especial o fato de que ninguém nunca viu os “Livro de Dzryan” de onde as estâncias da Doutrina Secreta foram traduzidas. A prova que seria fornecida a partir de um manuscrito original de suas versões em sânscrito, tibetano ou chinês não foi possível em 1888. Isso está claro pela primeira sentença da primeira carta dos Mahatmas, escrita em 1880: “Exatamente porque o teste do jornal de Londres fecharia as bocas dos cétricos, que isto é impensável.” Mas Blavatsky também diz o seguinte sobre os ensinamentos da Doutrina Secreta na introdução: “Eles serão ridicularizados e rejeitados *a priori* neste século, mas somente neste. Pois no século XX de nossa era, os estudiosos começarão a reconhecer que a Doutrina Secreta não foi nem inventada, nem exagerada, mas, pelo contrário, simplesmente resumida e, finalmente, que os seus ensinamentos são anteriores aos Vedas.”

Portanto, acredito que a influência da maior obra de Blavatsky, A Doutrina Secreta, embora escrita há mais de cem anos, mal começou a ser sentida e que somente quando um manuscrito original do “Livro de Dzryan” aparecer é que será possível colocá-la em seu devido lugar no mundo. Somente, então, os esforços de Blavatsky em lançar as bases para o restabelecimento das verdades da Tradição Sabedoria no mundo estarão vindicados. Blavatsky provavelmente daria pouca importância a uma vindicação pessoal, mas quanto à defesa dos ensinamentos da Doutrina Secreta, que ela acreditava ser de imenso benefício para a humanidade, ela certamente se importaria e muito.

[O presente artigo foi escrito originalmente por David Reigle em 1998 e publicado em *The Works and Influence of H. P. Blavatsky: Conference Papers*, Edmonton: Edmonton Theosophical Society, 1999, pp. 9-17; e reeditado em *Blavatsky's Secret Books: Twenty Years' Research*, por David Reigle e Nancy Reigle, San Diego: Wizards Bookshelf, 1999, p. 155-167. Traduzido ao português por Bruno Carlucci para o site easterntertradition.org, com a devida permissão do autor. Para maiores informações sobre notas e referências utilizadas pelo autor, consultar o texto em inglês, também disponível no site.]